

MARIA JOSÉ SALGADO LAGES
(17/06/1907 – 30/11/2003)



PROFESSORA ASSISTENTE DE CLÍNICA OTORRINOLARINGOLÓGICA

Nasceu em 17 de junho de 1907, em Maceió, Estado de Alagoas, filha da pernambucana D. Maria Salgado Lages e do comerciante alagoano José Gonçalves Lages (AZEVEDO & FORTUNA, 2012; CHALITA & MEIRELLES, s/d).

Iniciou seus estudos, junto com os irmãos Abeillard, José, Afrânio e Armando, no Colégio Coração de Jesus em sua cidade natal. Posteriormente estudou na Academia Santa Gertrudes, em Olinda, Pernambuco, instituição religiosa fundada em 1912 por beneditinas alemãs. Nessa época ganhou o apelido de Lily, que ficou para toda a vida (CHALITA & MEIRELLES, s/d).

Na escolha da profissão enfrentou o preconceito da época contra as mulheres cursar e depois exercer a medicina. Um amigo da família chegou a dizer aos pais de Lily Lages: “Compadre, não consinta esta menina seguir Medicina. Materializa muito a mulher. Tive três colegas que até paletó usavam”. (in CHALITA & MEIRELLES, s/d, p.1). Ela prestou os exames preparatórios no Liceu Alagoano, matriculando-se em 1925 na Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB), “centro polarizador das vocações médicas do Nordeste” (*Ibidem*).

Graduou-se em Medicina pela Fameb em 31 de março de 1931, 115ª turma, colega de Afrânio Coutinho, bibliotecário da *Bibliotheca Gonçalo Moniz* (ver **cap. 2** deste volume); Alexandre Leal Costa, Aristides Novis, Edgard Pires da Veiga e João José de Almeida Seabra, presentes nesta galeria; e *José Lages Filho*, seu irmão e um dos

fundadores da Faculdade de Medicina de Alagoas, hoje unidade da UFAL (TAVARES-NETO, 2008).

Essa turma teve para a época um número expressivo de mulheres. Foram seis: Angélica de Almeida Monteiro, Cleonice Assumpção Alakija, Maria José da Silva, Noélia Augusta da Silva, Olga Lydia da Conceição, além de Maria José. Em 1932, como veremos a seguir, Maria José se tornou professora e, nos anos seguintes, três colegas se tornaram também docentes da Fameb: Angélica Monteiro, na cadeira de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil, e Cleonice Alakija, professora da mesma cadeira de Maria José, em 1933; e Noélia Silva, em 1934, também na cadeira de Otorrinolaringologia (AZEVEDO & FORTUNA, 2012). Diante desses dados, constatamos que esta turma de 1931 se rivaliza, pela excelência, com a turma de 1927.

Azevêdo & Fortuna (2012) registram que Maria José Lages foi aluna laureada, sem dizer a láurea. Entretanto, no estudo de Solange Chalita e Roberto Meirelles (s/d, p.2), encontramos o registro do parecer da comissão que julgou sua tese inaugural, intitulada *Infecção Focal e Surdez*, que recebeu *Prêmio Alfredo Britto* (medalha de ouro). Neste documento, assinado por Eduardo Rodrigues de Moraes, Álvaro de Carvalho e Edgard Santos, em 21 de junho de 1931, os professores elogiaram não só a originalidade da tese e o seu valor como pesquisa científica como também o brilho da defesa. A tese foi enviada pela autora a especialistas brasileiros, franceses e americanos, e ao grande Mestre de Viena, Hajeck, tendo recebido dos mesmos elogios encorajadores (*Ibidem*). Esse dado cabe uma verificação mais rigorosa. Caso se confirme, ela teria dividido o prêmio com Catão Dias e João José Seabra e teria sido a primeira mulher a obtê-lo e a segunda a ser laureada, pois Carmem Mesquita obteve o Prêmio Manoel Victorino no ano anterior (ver **cap. 3** deste volume).

Após formar exerceu a clínica de Otorrinolaringologia (ORL) em Maceió que, aos poucos foi aumentando. No ano seguinte a formatura, em 1932, por proposta aprovada do prof. Eduardo Rodrigues de Moraes, Professor Catedrático de Clínica Otorrinolaringológica, tornou-se *Assistente Extranumerária* desta cadeira, na qual atuou por 3 anos e cinco meses (AZEVEDO & FORTUNA, 2012).

Prof.^a Maria José Salgador Lages (*Lily Lages*) é protagonista na história da FAMEB, pois foi *a primeira mulher a obter o título de Livre Docência*, em 22 de julho de 1936 na especialidade de Otorrinolaringologia. Até hoje é pequeno o número de mulheres com Livre Docência. De 1936 até o momento atual (2012), foram apenas nove mulheres (PACHECO, 2007, p.155; FORTUNA & AZEVEDO, 2011, p.13).

Ainda em 1936, participou do III Congresso Internacional de Otorrinolaringologia realizado em Berlim, em agosto daquele ano, tendo sido escolhida como Delegada do Brasil ao Congresso. Com 29 anos, a médica alagoana graduada na Fameb, onde também fez a Docência Livre, ingressava nos quadros da medicina mundial, Seu discurso, transmitido pela rádio de Berlim, retransmitido ao Brasil e publicado no Jornal de Alagoas no dia 29 de setembro de 1936 contém uma descrição resumida do Conclave. Encerrado o Congresso foi à Áustria a fim de estagiar na clínica do Prof. Dr. H. Neumann. Na universidade de Viena seguiu com o docente Dr. Karl Eisinger um curso teórico-prático sobre Patologia Geral e Terapia das Doenças de Ouvido, Exame Funcional e Otorinolaringológico no cadáver. Acompanhou com o Prof. Franz Hasslinger um curso prático e teórico sobre Broncoscopia e Esofagoscopia. No final de 1936, viajou para França, participando em Paris de “Reuniões médico-cirúrgicas de morfologia” sob a orientação do Dr. Claoué (CHALITA & MEIRELLES, s/d, p.1).

Em 1938, transferiu-se para o Rio de Janeiro. Em 1942 ingressou no corpo docente da Faculdade Nacional de Medicina (atual Famed da UFRJ), como professora da cadeira de Anatomia, ensinando Neuroanatomia e Anatomia dos órgãos dos sentidos até 1962. Em 1950, obtendo o 1º lugar no concurso, tornou-se Médica no Distrito Federal na especialidade de Clínica Otorrinolaringológica - ORL (*Ibidem*).. Foi também Docente Livre em ORL pela Faculdade de Medicina da UFRJ, em 3 de março de 1975 (AZEVEDO & FORTUNA, 2012).

Em julho de 1973, recebeu, em Berlim, uma homenagem em que o Prof. Mielke destacou a participação da cientista brasileira no intercâmbio cultural entre Brasil e Alemanha.

Há referência no texto de Fortuna e Azevêdo (2011) de mais uma atuação destacada de Maria José, como militante e líder feminista (p.13), porém, não traz mais nenhum detalhe sobre tal protagonismo nesse movimento social que se consolidou a partir da segunda metade do século XX. No entanto, no estudo de Chalita & Meirelles (s/d) há referência a sua atuação de liderança na Federação Alagoana pelo Progresso Feminino, pois, no dia 13 de maio de 1932, quando tomou posse a 1ª Diretoria da Federação no estado, Lily Lages foi eleita Presidente. A médica se lançava no movimento social em defesa da capacitação feminina e no combate às injustiças milenares contra as mulheres. Em 12 de outubro de 1933, Dra. Lily foi recepcionada pelas correligionárias na sede da Federação Brasileira, por ocasião das eleições da Diretoria Central. Os trabalhos foram abertos pela líder feminista Bertha Lutz (CHALITA & MEIRELLES, s/d).

Ao organizar um ciclo de palestras abertas à comunidade sobre a questão feminina, Dra. Maria José mostrou que não perdeu o vínculo com a faculdade onde se formou e ensinou. Nesse ciclo, destacou-se a exposição proferida pelo docente de Psiquiatria da FAMEB, Prof. Arthur Ramos, em 20 de abril de 1933, intitulada “A mulher em face da ciência contemporânea”. Na oportunidade o orador buscou demonstrar cientificamente que a mulher não era superior nem inferior ao homem, apenas diferente. Nesse evento, Arthur Ramos foi o primeiro a lançar a candidatura da médica a um posto na Assembleia Legislativa de Alagoas. Lily Lages foi sufragada com 13.891 votos, tornando-se a 1ª Deputada à Assembleia Legislativa (Constituinte) do Estado de Alagoas. O fato foi noticiado pela imprensa nacional. No parlamento, como na escolha da profissão, ela enfrentou preconceitos, sendo que, na política, foram as dificuldades criadas pela oposição, mas nunca fraquejou. Lutou pela liberdade de expressão e, ao ser indagada pelo repórter da *Gazeta de Alagoas*, em 21 de fevereiro de 1935, sobre a Lei de Segurança e, de modo mais preciso, sobre o questionamento se essa lei atingia sua profissão, disse com lucidez e ironia: – *A minha especialidade? Sim. Será de certo menor o número de clientes... Sob a pressão de tal lei haverá talvez vantagem em ser cego e surdo. De que nos serve ver e ouvir, se não nos é permitido falar?* (In: CHALITA & MEIRELLES, s/d, p.5).

Publicou ensaios sobre temas diversos, ligados à Medicina, e escreveu livros, com destaque para “Beethoven no mundo do Silêncio” e “Otologia Legal e do Trabalho”. Em 1997, recebeu o título de membro honorário da Academia Alagoana de Medicina e autografou o livro “Arthur Ramos e sua luta contra a discriminação racial” (*Ibid.*, p.6).

O encantamento de Maria José Salgado Lages se deu em 30 de novembro de 2003. É uma breve biografia que convida futuros estudiosos ou futuras estudiosas ampliar detalhar e possivelmente retificar os dados até aqui obtidos.

Numa carta que escreveu ao pai em 1926, no 1º ano do curso de medicina, sobre o seu estudo de Anatomia, comentou: “Continuo a ser trunfo na aula de anatomia; às 7:30 da manhã estou lá, pois, quem primeiro chegar tem direito de escolher articulações para estudar. Anteontem, estava a dar minhas costumadas preleções das 7:30 às 9h. (intervalo de aula, aproveitamos para estudar anatomia em cadáver fresco), quando Dr. Diniz, que estava atrás a ouvir-me disse: ‘que excelente catedrática !’(...) Essas duas palavras *excelente catedrática* me sugeriram o desejo de algum dia chegar a sê-lo” (*Ibid.*, p.1). Esperamos que um dia a Fameb-Ufba dê o título de Professora Emérita *post mortem*, que corresponde ao de Catedrático / Titular, que ela tanto desejou e mereceu.



Com o irmão *José Lages Filho*, também estudante de Medicina na Fameb (1927).



Ao lado do Prof. *Sir Saint Clair Thonson*, orador oficial do Congresso Internacional de Otorrinolaringologia em Berlim, em 1936.



Na Alemanha como convidada do Prof. Dr. Neumann, da Universidade de Würzburg. Congresso em Freudenstadt , 29 e 30 de setembro de 1961. Fonte das fotos: CHALITA & MEIRELLES, s/d.

Referências

AZEVÊDO, Eliane Elisa de Souza e; FORTUNA, Cristina Maria Mascarenhas. “Exercício de docência por mulheres na FMB – Curso de Medicina (1893-1938)”. Salvador: FMB-UFBA, 2012. 27p. (manuscrito entregue pelas Autoras)

CHALITA, Solange Lages; MEIRELLES, Roberto Campos. Maria José Salgado Lages (Lily Lages). Maceió-AL, s/d. 12p

FORTUNA, Cristina M.; AZEVÊDO, Eliane S. Anotações sobre a história da Livre Docência na Faculdade de Medicina da Bahia-UFBA. Salvador, 2011 (impresso).

PACHECO, Maria Thereza de Medeiros. A Medicina Legal na Bahia. Início e evolução do ensino. *Gazeta Médica da Bahia*, v.77, n. 2, 139-157, Jul.-Dez. 2007.

TAVARES-NETTO, José. *Formados de 1812 a 2008 pela Faculdade de Medicina da Bahia*. Feira de Santana-BA: Academia de Medicina de Feira de Santana, 2008.